

# Silvio Gallo

O professor  
combatente

 Pedro & João  
editores

10 ANOS DE ESCOLA DE ATIVISMO  
100 ANOS DE PAULO FREIRE

# Dez por Cento



Silvio  
Gallo

**O professor militante**

Coleção Dez por Cento

## Expediente

Esse conjunto de seis publicações chamada "DEZ POR CENTO" foi produzido pelo Núcleo de Educação, Invenções e Resistências - NEIr, da Escola de Ativismo.

### Equipe Editorial

Alana Marquesini, Arthur Dantas Rocha,  
Luísa Coelho, Luciana Ferreira da Silva,  
Maria Teresa de Arruda Campos,  
Mário Campagnani, Silvio Munari.

### Identidade visual

Isabella Alves

### Projeto gráfico e diagramação

Olivia Ferraz de Almeida

### Transcrições

Ivan Rubens Dário Junior

### Revisão

Arthur Dantas Rocha

### Tiragem

500 exemplares

### Editora

Pedro & João Editores

### Escola de Ativismo

Rua Desembargador Eliseu Guilherme, 292  
9º andar. Cep 04004-030, Paraíso, São Paulo/SP

### Email

contato@eativismo.org

### Copyright © Silvio Gallo

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Silvio Gallo

**O professor militante. Coleção Dez por Cento.** São Carlos:  
Pedro & João Editores, 2022. 28p. 14,8 x 21 cm..

**ISBN: 978-65-265-0107-8 [Impresso]**  
**978-65-265-0133-7 [Digital]**

1. Paulo Freire. 2. Educação. 3. Educação popular. 4. Ativismo. I.  
Título.

CDD – 370

**Capa:** Olivia Ferraz de Almeida

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

### Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil);  
Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/  
Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir  
Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil);  
Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/  
Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma  
(UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP  
2022

Em 2021

a Escola de Ativismo completou

dez anos de vida. Por uma feliz coincidência, este também foi o ano em que se comemorou o centenário do nascimento de Paulo Freire. Para celebrar tal coincidência, a Escola de Ativismo promoveu a série de encontros chamada "Dez por Cento", convidando professoras e professores para pensar possíveis relações entre ativismo e educação.

Foram seis *lives*, que contaram com a participação de Romualdo Dias, Jorge Larrosa, Alessandra Munduruku, Madalena Freire, Silvio Gallo e Dyarley Vianna. Todas estas falas, disponíveis no canal do YouTube da Escola de Ativismo, foram transcritas, revisadas por suas autoras e seus autores, são agora publicadas em uma forma de livro, que você tem em suas mãos e diante de seus olhos.

Esta série de *lives* nos permitiu pensar  
diferentemente sobre as relações  
entre educação e  
ativismo.

Ainda que Paulo Freire tenha sido o motor que dinamizou o processo, as companheiras e os companheiros trouxeram contribuições e perspectivas muito próprias. Com isso, pudemos ouvir um número elevado de referências, de práticas, de pensamentos que multiplicaram, e muito, as nossas referências, pensamentos e tem inspirado outras práticas. Os efeitos que produziram em nós podem ser lidos na sequência, no Manifesto Educação Popular Ativista.

## Manifesto Educação Popular Ativista em permanente construção

A escola do Fora e o fora da Escola

Mundo é tempo  
refletir não é ativar.

Nós afirmamos que meio ambiente é aqui e agora, é por inteiro e não pela metade.

Amor ao mundo é estudo e disciplina

é fora da escola, é escola do fora.

É guerreira por dentro, e estratégica por fora.

Aprendiz por dentro, educadora por fora.

Uma escola que se faz com e não para

Com a imagem do rio que ensina pela correnteza, sob força de arrasto, do sobe e desce piracema.

Mas

atuação sem parada não existe, é bom lembrar...

dar-se tempo!

Tempo para notar, que cada pessoa é um mestre, educador, educadora

Caminhamos lado a lado nos ensinando mutuamente, como um agogós

Educação que se dá pelo contágio dos corpos.

Educação mundo estudo reflexão tempo planejamento registro amor desejo

militância ativismos luta distância desaceleração paisagem ação direta cuidado

estratégia aprendizagem alteridade autogestão autonomia e tantas outras palavras

definem nosso modo de fazer educação e ativismos.

A escola do fora, o fora da escola.

Educar é ato de amar

Educador guerreiro?

Identidade para nos situar e não para nos situar.

Mangue - porção de rio com água salobra

ler o movimento das marés. Para quê?

Para surfar a melhor onda, pra entrar no momento certo, e agir!

Onde está a riqueza?

No mangue

na cachoeira

no estuário

no oceano

no rio

na floresta

nas pedras

no igarapé

no sertão

na areia

O progresso é caminhar em direção à origem

Paralizaremos os corpos se mutilarmos a natureza

Aniquilaremos os corpos se não frearmos a matança do clima.

Uma antena de wi-fi enterrada na lama ou navegando em uma canoa?

Warriors e todas as gangues

estão debaixo das árvores conosco.

Lousa-mesa se deslocando o tempo todo

no sobe e desce piracema

A Escola do fora, o fora da escola.

Para assistir as *lives*  
do DezporCento  
acesse o QRCode



<https://escoladeativismo.org.br/dezporcento-10-anos-de-escola-de-ativismo-100-anos-de-paulo-freire>

E u  
gosta-  
ria de fazer  
esse papo com  
você de um modo  
bem freiriano, já que co-  
memoramos 100 anos do  
Paulo Freire e 10 anos da Escola  
de Ativismo. Neste ano de merecidas  
homenagens ao Paulo Freire, tenho dito  
que não sou um freiriano no sentido de al-  
guém que trabalha com a perspectiva do Paulo  
Freire ou com a metodologia do Paulo Freire. Tenho  
críticas filosóficas ao Paulo Freire, tenho críticas ao pensa-  
mento educacional do Paulo Freire, mas eu considero o Paulo  
Freire um companheiro, daqueles com quem se caminha ombro a  
ombro na luta por uma sociedade mais justa, fraterna, por uma edu-  
cação que nos permita mudar alguma coisa nesse mundo. Ainda que eu  
não seja um seguidor das ideias ou das práticas do Paulo Freire, se vocês me  
permitem, gostaria de divulgar um dossiê<sup>1</sup> comemorativo aos 100 anos de Paulo  
Freire que organizamos com uma série de artigos de brasileiros e estrangeiros bem  
nessa perspectiva da homenagem. Isso não significa aceitar tudo que ele escreveu, tudo  
o que ele pensou, mas é colocar sua escrita e seu pensamento em evidência, dialogar  
e discutir com ele, trabalhar com ele. São oito artigos, dois documentos e uma  
entrevista sobre os anos do Paulo Freire no Chile, a gestação da Pedagogia  
do oprimido feita com uma chilena e um norte-americano que trabalha-  
ram diretamente com Freire, e um discurso de quando Paulo Freire  
recebeu o título de doutor *honoris causa* na Universidade de  
Barcelona no início dos anos 1980. Fica o convite para a  
leitura destes textos.

1 Revista PRO-POSIÇÕES, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pp/i/2021.v32/>

Mas,  
vamos  
ao tema. O que  
significa pensar um  
professor que é militante no  
campo da educação?  
Vou começar citando um trecho de uma  
canção do Belchior. Ele completaria 70 anos esse  
ano, e Emicida, em uma canção de *AmarElo*, destacou  
um trecho que diz assim: “ano passado eu morri, mas esse ano  
eu não morro”... Eu estou achando lindo esse movimento de retomar  
o Belchior. Então, vou iniciar citando um trecho de “Alucinação”, canção  
que dá título ao primeiro disco que ele lançou em 1976 e tem uma letra fantás-  
tica. Belchior era filósofo, se graduou em filosofia na Universidade Federal do Ceará e  
tem canções maravilhosas, mas dessa canção em especial eu destaco o seguinte trecho:

*Mas eu não estou interessado em nenhuma teoria  
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais  
Longe o profeta do terror que a laranja mecânica anuncia  
Amar e mudar as coisas me interessa mais  
Amar e mudar as coisas, amar e mudar as coisas me interessa mais*

Chamo a atenção de vocês para esse trecho. Ele está se referindo aqui ao livro do  
Anthony Burgess, *Laranja Mecânica*, que tinha sido filmado pelo Stanley Kubrick no início  
dos anos 1970. Belchior fala do “profeta do terror” anunciado em *Laranja Mecânica*, e diz:  
longe de mim isso, me interessa mais amar e mudar as coisas. Eu acho que esses versos  
do Belchior traduzem bem o que eu quero conversar com vocês em torno da ideia de um  
professor militante. Não um professor que anuncia, não um professor profeta do terror,  
profeta de qualquer outra coisa... Tudo o que a gente não precisa hoje são profetas do  
terror porque o terror está instaurado entre nós, o terror está no meio de nós, infeliz-  
mente. Nós não precisamos de ninguém anunciando, porque o terror já está aí, mas nós  
precisamos de muito trabalho contra o terror. Como dizia o Belchior: “amar e mudar as  
coisas me interessa mais”.

Essa  
ideia de  
que o profes-  
sor é um militante ou  
pode ser um militante, eu  
“roubei” de um texto do cientista  
político e filósofo italiano Antonio Negri.  
Ligado às Brigadas Vermelhas, Negri esteve  
preso durante um bom tempo na Itália sob acusação  
de praticar atos de terrorismo, de sequestrar o primeiro-  
-ministro italiano (ele precisou sair da Itália e se exilou na França  
para evitar a prisão). Na França ele teve contato com filósofos, Gilles  
Deleuze e Félix Guattari, por exemplo, e no final dos anos 1990 e começo dos  
anos 2000, retorna à Itália para, com sua prisão, que ele sabia que aconteceria assim  
que pisasse em solo italiano, chamar atenção para o caso dos militantes das Brigadas  
Vermelhas que viviam sob essa acusação de terrorismo na Itália. Na prisão ele escreveu  
um livrinho<sup>2</sup> narrando uma série de coisas, fatos da sua vida e seu pensamento.

Deste livro, destaco uma passagem na qual Negri fala sobre os sindicalistas nos  
Estados Unidos no começo do século XX. Ele comenta sobre dois tipos de sindicalistas:

1. Os sindicalistas que eram como profetas, que anunciavam a boa-nova, aqueles que anunciavam a nova sociedade e como deveria ser a luta dos trabalhadores, etc... Um discurso de natureza moralizante, o discurso do dever-ser, como deve ser a vida do trabalhador, como deve ser a militância do trabalhador, como deve ser a atuação do trabalhador no sindicato para construir uma nova realidade do trabalho.
2. Os sindicalistas que eram militantes, aquele cara que fazia o trabalho de formiguinha, sem o grande discurso da anunciação. O Negri comenta que esses entravam no trem em Nova Iorque, por exemplo, iam para o Oeste, parando em cada estação e tentando formar uma célula sindicalista. Faziam isso de cidade em cidade no território norte-americano.

2 NEGRI, Antonio. *Exílio*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

É essa ideia que eu usei muito tempo atrás, quando estava escrevendo sobre a ideia de uma “educação menor”. Deleuze e Guattari manejam o conceito “menor” para falar em uma literatura menor (literatura maior/literatura menor; filosofia maior/filosofia menor; ciência maior/ciência menor - isso eles vão desenvolver, sobretudo, no livro *Kafka, por uma literatura menor*<sup>3</sup>). Nesse livro eles trabalham com a obra do Franz Kafka propondo lê-la

como uma literatura menor. Depois eles publicaram *Mil Platôs*<sup>4</sup> e, sobretudo no texto intitulado “Tratado de Nomadologia”, em que centram a discussão em torno da ideia de uma ciência maior ou ciência régia, e uma ciência menor ou ciência nômade. A essa ciência maior e essa ciência menor correspondem também uma

filosofia maior e uma filosofia menor, sempre pensando que a ciência maior, a filosofia maior, a arte maior

como relacionadas ao aparelho de Estado, o maior como o que esteja ligado à dimensão do Estado, à máquina de produção do Estado. E, de outro lado, o pensamento menor, a ciência menor, a filosofia menor, a arte menor, a literatura menor, tudo de menor que a gente

puder pensar, estando no combate ao Estado, como aquilo que esteja ao lado dos povos nômades que não constituem Estado e que produzem o que eles vão chamar de uma máquina de guerra, que se esforça para não ser capturada pelo Estado.

Tendo lido essas coisas na obra de Deleuze e Guattari, trabalhando no campo da educação e tentando pensar a educação influenciada por esses autores, num determinado momento me pareceu viável a gente pensar também numa educação menor. Uma educação maior como aquela ligada a esse aparelho de Estado e uma educação menor que pode ser máquina de guerra. Ao escrever sobre isso há mais de vinte anos é que eu me lembrei do texto de Antonio Negri sobre o profeta e o militante na ação do sindicalista, e então procurei conectar essas ideias do professor militante como sendo aquele que se coloca no âmbito da produção de uma educação menor.

3 Deleuze, Gilles; Guattari, Felix. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

4 *Mille Plateaux*. Paris: Les Éditions du Minuit, 1980. No Brasil, a tradução foi publicada em 5 volumes pela Editora 34 entre 1995 e 1997.

Em meu ponto de vista, de algum modo, todo professor é um militante. Todo professor que está lá no chão da sala de aula – entendendo o “chão da sala de aula” como aquilo que atravessa os vários níveis de educação desde a educação infantil até o ensino superior (eu sou há 30 anos professor na universidade e sinto que na universidade também há espaço para esse trabalho de militância) – penso que esse trabalho de militância também está aberto para os professores do ensino médio, do ensino fundamental, da educação infantil. De algum modo, cada um de nós, professores e professoras, cada um de nós é um militante e uma militante da educação. Digo que somos militantes da educação entendendo a militância a partir de um princípio anarquista que é o princípio da ação direta. Nós, anarquistas, queremos difundir as ideias anarquistas através da nossa ação. É aquilo que já no século XIX os anarquistas chamavam de propaganda pela ação. Qual o melhor meio de falar sobre o anarquismo para as pessoas? Agindo, agindo de modo anarquista, agindo libertariamente. A militância anarquista se constitui na ação direta: faça você mesmo, não espere que outros façam, faça você. Então, se sentimos uma necessidade de difundir as nossas ideias, fazemos um *zine* por exemplo. Não temos uma editora nas mãos para produzir jornais, produzir livros, produzir fascículos, revistas etc, fazemos *zines*, tomemos papel, caneta, lápis, recortes de revista, vamos produzir *zines*, vamos distribuir esses *zines*, vamos fazer colagens pela

cidade, vamos difundir as nossas ideias. Não esperemos que alguém o faça, façamos nós mesmos. Queremos, defendemos uma sociedade na qual nós possamos viver livremente? Vivamos a liberdade, afrontemos o Estado, afrontemos as instituições, afrontemos o *status quo* sendo aquilo que nós queremos ser, agindo da forma como nós queremos agir.

Então, me parece que essa ideia de militância, de professor militante, também está muito conectada com essa perspectiva da ação direta anarquista. Acho que todo professor faz isso na sala de aula, cada um a seu modo. Alguns o fazem assumidamente, outros o fazem sem assumir, sem dizer que fazem, mas todos fazem. Por isso, são estapafúrdias as ideias de escola sem partido, isso é monstruoso, é perigosíssimo, porque não existe escola sem partido, não existe educação sem partido, e o próprio Paulo Freire já nos dizia que educar é tomar partido, qualquer partido. Não se educa sem tomar partido de alguma coisa, e esse tomar partido pode ser “de esquerda”, mas também pode ser um tomar partido “de direita”. Agora, o grande problema é que essa tomada de partido quando feita pela direita, procura se esconder atrás de uma suposta neutralidade. Quando eles dizem que a escola deve ser neutra, que a educação deve ser neutra, isso é por si uma tomada de partido, aquele que afirma a neutralidade na escola. Mas o partido da neutralidade é um partido falso, porque nenhuma educação é neutra. Quando você está preconizando a neutralidade na educação, você está tomando um partido na educação e você está educando a partir de uma perspectiva política. Então essa coisa de dizer que educação e política não devem se misturar é uma tremenda de uma balela porque toda educação, já dizia Paulo Freire, é um ato político. A educação não precisa ser – e mesmo não dever ser – um proselitismo político, mas ela é um ato político. Uma educação como proselitismo político estaria mais do lado de um professor profeta, daquele professor que anuncia, daquele que diz algo assim: precisamos de um mundo assim, precisamos de uma realidade como essa. Mas a tomada de partido, a tomada de posição é aquilo que faz um professor militante, um professor que trabalha na educação a partir das suas perspectivas, a partir das suas ideias, e manifesta essas ideias.

Como dizia, do meu ponto de vista, todo professor é um militante. Alguns professores são militantes assumidamente, e outros professores são militantes sem assumir que o são. Alguns desses professores que são militantes assumidamente tomam um determinado partido pela transformação social, outros tomam determinado partido pela manutenção do *status quo*, pela manutenção das coisas como elas estão, para que elas permaneçam como estão. Alguns professores tomam partido da transformação e anunciam a transformação, outros professores tomam partido da transformação e tentam transformar a escola, tentam transformar a sua sala de aula, tentam transformar a sua escola, e é esse professor que eu estou chamando mais diretamente de professor militante.

É claro que estou falando aqui do professor porque a minha experiência com educação é uma experiência como professor. Eu nunca fui diretor da escola, nunca fui coordenador; na universidade, fui coordenador de curso, fui chefe de departamento, fui diretor de faculdade, essas coisas todas que o mecanismo acadêmico nos impõe, mas na Educação Básica nunca atuei como coordenador, diretor etc, apenas como professor.



De  
m o d o  
que estou falando  
aqui do professor militante,  
mas poderíamos falar do educador  
militante, porque nós também temos diretores  
de escola militantes e a gente vê isso muito claramente  
em algumas escolas públicas brasileiras nas quais a ação militante

do diretor transforma a escola e faz com que a escola seja um espaço de transformação, um espaço de mudança, um espaço de atuação... Volta e meia a gente ouve os ecos de atividades como essas. E nós temos outros diretores, coordenadores de escolas que não têm essa militância, que fazem o seu trabalho naquilo que ele precisa ser tocado no dia a dia. Mas o que eu estou chamando atenção de vocês é que nós temos esse espaço de militância no campo da educação e temos esse espaço de militância no trabalho do professor, nesse campo do que eu proponho chamar de uma educação menor, nesse sentido dos conceitos de maior e menor, de Deleuze e Guattari, de inúmeras formas. Eu não estou aqui querendo ocupar o lugar da verdade quando falo sobre isso para vocês, porque existem muitas formas de mobilizar maior e menor na educação. Da forma como eu tenho procurado manejar esses conceitos, vejo como atos de educação maior aqueles atos que estão ligados ao aparelho de Estado, aos legisladores da educação, aos planejadores da educação, aqueles que constroem as políticas públicas de educação nos mais variados níveis, no Ministério da Educação – a BNCC (Base Nacional Curricular Comum) – é a nossa política educacional mais recente, isso para mim é claramente um

ato de educação maior. Planeja-se uma educação, planeja-se uma determinada forma de educação dentro dos gabinetes do Ministério da Educação, de forma articulada com o Conselho Nacional de Educação, com o Congresso Nacional etc; isso tudo é devidamente debatido discutido e aprovado, a gente sabe nessa suposta democracia brasileira como é que são feitos os debates e as

aprovações, mas isso tudo está no âmbito de uma educação maior. Isso também em uma escola descendente, quando pensamos os currículos de uma Secretaria Estadual de Educação, os currículos de uma Secretaria Municipal de Educação, e até quando a gente pensa a gestão numa escola por exemplo, que vai realizar, que vai organizar, que vai produzir o seu projeto político pedagógico. Todas essas questões ligadas ao planejamento da educação, a produção de um dever-ser da educação, uma tentativa de dizer como a educação deveria ser, eu colocaria do lado de uma educação maior, atrelada ao aparelho de Estado.

E do lado de uma educação menor, eu colocaria toda a militância do professor, o trabalho do professor, e o que conta efetivamente em educação é o trabalho do professor. Tais documentos, essas políticas públicas, esses projetos são construídos no âmbito de uma educação maior, mas eles só se materializam, eles só se tornam educação de fato se o professor levar estes documentos para sala de aula e fizer acontecer esses documentos na sala de aula. Porque se o professor não fizer isso, os documentos simplesmente permanecem como documentos e não como educação materializada. Porque a educação que se materializa é a educação que cada um de nós, professores e professoras, fazemos no nosso dia a dia com os estudantes, essa produção coletiva. Nós, professores e professoras, não fazemos educação sozinhos: nós fazemos educação com os/as estudantes, juntos, necessariamente. É nessa coletividade que a gente vai produzir esses atos que estou chamando de uma educação menor e que podem se colocar na contramão desse

alinhamento político da educação maior. Ou podem se alinhar com eles, não precisa se colocar necessariamente na contramão, não é menor apenas o que nega, o que afirma também pode ser menor. Mas essa educação maior não se materializa senão através de uma educação menor. As duas são distintas, mas estão profundamente entrelaçadas.

#### PERGUNTA DO CHAT

**Mas como ser um professor  
militante sem professar  
uma verdade única como  
a Revolução, como o  
mundo novo? Como militar  
em prol de uma vida  
liberta, uma vida  
e luta de verdades  
nômades?**

## SILVIO GALLO

Eu já recebi muitas críticas de pessoas que não gostam disso que eu chamo de professor militante, por relacionar militante com militar. Militante é aquele que milita, vem do verbo militar: a militância é o ato, a ação do verbo militar. Mas o militar aqui não tem nada a ver com o militar enquanto máquina do exército, máquina do Estado. Apesar da raiz ser a mesma, não dá para confundir militante com militar. O mesmo acontece com política e polícia, a raiz é a mesma, mas são duas coisas completamente diferentes. Gosto de pensar na positividade da palavra militante, da ação do militante que é o verbo militar, ou seja, agir em favor de alguma coisa. Um desafio é justamente recusar as verdades únicas porque, quando a gente assume uma verdade única (“a revolução”, “o mundo novo”), a gente se coloca muito mais na posição do profeta como anunciando a revolução, um professor que anuncia a revolução, um professor que anuncia o novo mundo, eu anuncio o outro mundo possível... Mas anunciar não é fazer. Anunciar não é produzir, anunciar é ficar no anúncio.

Já o militante é aquele que vai para além do anúncio, o militante é aquele que vai construir. Por isso me agradou muito a imagem que o Antonio Negri usou, do sindicalista militante como aquele sujeito que entra meio que nomadicamente em um trem e vai seguindo a linha férrea, parando de cidade em cidade, e fazendo o trabalho de formiguinha mesmo, aquele trabalho de conversar com um e outro, que vai distribuir panfleto, que vai chamar uma reunião, que vai ouvir as pessoas, conversar com as pessoas, tentar levar

aquela ideia até ali. O sindicalista militante não está fazendo discurso, comício, palestra, não está anunciando nada para as pessoas na estação de trem. Ele está indo de porta em porta, esperando os operários na porta da fábrica no início do expediente, ele está panfletando, ele está combinando pequenas reuniões com os operários que estiverem dispostos a conversar no sentido de constituir um sindicato. Essa militância está articulada com um projeto, mas na medida em que essa militância se produz num ato menor, um ato de tentar construir coletivamente, tentar construir comunidades de ação, ela rompe com essa possibilidade de uma verdade única. Um trabalho efetivamente coletivo exige escuta, então você não está lá apenas falando, apenas anunciando, você está lá também ouvindo os outros e disposto a se transformar nessa relação com os outros.

Quando você pergunta da possibilidade de uma vida, de uma luta, as verdades nômades vão se construindo como verdades provisórias. A gente não vive sem essas verdades: precisamos das verdades para viver, as verdades nos constituem. Michel Foucault nos ajuda a compreender isso. A partir de 1980, Foucault começa a explorar aquilo que ele chama de *governo dos seres humanos pela verdade*<sup>5</sup> para tentar entender como é que nós, seres humanos, somos governados pela verdade. Mas não é a verdade com V maiúsculo (a verdade única, a Verdade Universal), são verdades que são construídas coletivamente, que estão em disputa e que nessa disputa elas vão se transformando, elas vão produzindo, elas vão construindo as coisas.

<sup>5</sup> Foucault desenvolveu essa ideia a partir de seu curso de 1980 no Collège de France, no qual analisa os modos de subjetivação e técnicas de si produzidos pelo cristianismo em suas origens. Somos constituídos como sujeitos quando somos governados por certas verdades e certos regimes de verdade. Ver: FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

## PERGUNTA DO CHAT:

**Paulo Freire se inspirou na pedagogia libertária e em educadores anarquistas?**

# SILVIO GALLO

Em princípio, Freire não se inspirou em educadores anarquistas. Essa é uma das razões pelas quais eu discordo de muitas questões tal como pensadas pelo Paulo Freire. Ele dialogou com a filosofia do seu tempo, daí sua influência significativa da fenomenologia, do existencialismo, na dinâmica do pensamento do Freire que vai propor a educação como libertação, o que ele vai chamar de pedagogia libertadora. Ele vai trabalhar com a dialética do senhor e do escravo tal como pensada pelo Hegel<sup>6</sup>, e é isso que ele traz para a sua teoria educativa. Ele vai pensar então a educação como conscientização, como uma tomada de consciência da sua posição no mundo, e essa conscientização como sendo aquilo que embasa a emancipação: você sair de uma condição de oprimido para estar numa condição de não oprimido. Lembremos que a obra filosófica por excelência do Paulo Freire é a *Pedagogia do oprimido*<sup>7</sup>. Sair da condição de oprimido exige um movimento de conscientização, movimento que Freire chama de libertação. Por isso ele próprio denominou (e outras pessoas denominaram) a sua pedagogia como Pedagogia Libertadora, o que causa confusão em muita gente porque, como no anarquismo a gente costuma chamar a pedagogia anarquista de pedagogia libertária, é comum a confusão entre a pedagogia libertadora do Paulo Freire e a pedagogia libertária anarquista. De modo que não há uma influência direta dos anarquistas no pensamento de Paulo Freire. Por outro lado, os anarquistas também defendem uma transformação social e, portanto, há uma relação que se estabelece aí entre aquilo que os anarquistas propõem em termos de educação e aquilo que o Paulo Freire propõe em termos de educação. São projetos sociais distintos, mas que têm conexões, que têm inter-relações.

6 A dialética do senhor e do escravo foi trabalhada por Hegel no livro *Fenomenologia do espírito* (HEGEL, Georg W. F. *Fenomenologia do Espírito* (2 vol.). Petrópolis: Vozes, 1992. Nesta edição brasileira, a passagem encontra-se no volume 1, entre as páginas 126 e 134.

7 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Há um livro intitulado *Conversação libertária com Paulo Freire*<sup>8</sup> que infelizmente está esgotado. Esse livro precisa ser reeditado. Acho que uns dois anos antes da morte do Paulo Freire, o Edson Passetti e outras pessoas do Nu-Sol gravaram uma longa entrevista com o Paulo Freire, justamente conversando sobre possíveis relações entre o pensamento freireano e a prática pedagógica freireana com o anarquismo e com a pedagogia anarquista. Eles fizeram isso a pedido de uma revista anarquista italiana, a *Eleuthera*. Essa entrevista foi feita em São Paulo, a tradução foi publicada na Itália e a versão original (em português) foi publicada no Brasil pela Editora Imaginário, de São Paulo. A publicação aconteceu logo depois da morte do Paulo Freire. Em *Conversação libertária com Paulo Freire*<sup>9</sup>, Edson Passetti dialoga com Paulo Freire, faz comentários, provoca-o a falar sobre o anarquismo. É muito interessante a gente ler essa entrevista porque o próprio Paulo Freire se reconhece em muitas proposições libertárias e em muitas proposições anarquistas. Ele próprio diz que nunca teve maior proximidade com os anarquistas, mas reconhece interfaces... Nunca teve possibilidade de militar com anarquistas, de estar junto com anarquistas, de pensar com anarquistas ou de ler livros anarquistas, mas, ao mesmo tempo, isso tudo que ele ouvia sobre o pensamento anarquista em educação tem conexões fortes com aquilo que ele pensava em termos de educação. É um trabalho bastante interessante e que poderia estar disponível na rede porque merece circular.

8 Produzido e organizado por Edson Passetti, coordenador do Núcleo de Sociabilidade Libertária – Nu-Sol (PUC São Paulo), que estuda e pratica o anarquismo.

9 Edson Passetti. *Conversação libertária com Paulo Freire*. São Paulo: Editora Imaginário, 1998.

**PERGUNTA DO CHAT:**

**Fale um pouco mais sobre a ação direta em relação à educação. E também se pode fazer aproximação com autonomismo.**

## SILVIO GALLO

No anarquismo, nós compreendemos a educação como ação direta. Para os anarquistas, ação direta é uma série de coisas: botar fogo na estátua do Borba Gato é uma ação direta. Não sei se a atividade do Paulo Galo e do grupo que fez isso em São Paulo teve essa intenção, não sei se eles nomearam como ação direta, não conheço o pensamento do grupo. Mas, em termos anarquistas, a gente chamaria de uma ação direta. Uma greve é uma ação direta. Isso que a grande mídia em geral chama de vandalismo, é justamente o que nós anarquistas chamamos de ação direta. A ação de grupos Black Bloc nas manifestações, que a grande mídia chama de vandalismo, é uma ação no espaço urbano e bem dirigida: eles atacam vitrine de banco, vitrines dos grandes conglomerados financeiros, atacam as grandes lojas burguesas. Eles não atacam o pequeno comerciante instalado na cidade, eles atacam os grandes conglomerados financeiros no capital, justamente porque esse ataque, essa violência é uma violência que se dirige contra a violência do capital e contra a violência do Estado. Então isso que a mídia burguesa – a grande mídia, a mídia liberal – vai chamar de vandalismo, nós anarquistas chamamos de ação direta. Mas ação direta são outras coisas também: ação direta é publicar um jornal, ação direta é publicar uma revista. A (revista) *Tuíra*, nós anarquistas chamaríamos de uma ação direta, quando um grupo de militantes resolve produzir uma revista porque quer espalhar as suas ideias. Uma forma de espalhar as ideias é publicando. Ter uma editora é uma forma de ação direta, publicar livros, publicar revistas, publicar jornais são formas de ação direta para espalhar as ideias.

A educação, aqui compreendida num espectro amplo, também é ação direta: tanto educação escolar, a educação das crianças na escola, porque se nós vamos formar e educar os filhos e as filhas das classes trabalhadoras, quanto a educação dos próprios trabalhadores, a educação de adultos, a educação que se faz nos sindicatos, a educação que se faz numa festa operária na qual um grupo de teatro de operários produz uma peça e apresenta para aquela comunidade, estamos fazendo uma ação direta a favor da transformação social. Tudo isso é ação educativa para os anarquistas, e tudo isso é ação direta. Então, pensando com o anarquismo, a educação é sempre uma ação direta quando a gente tem consciência disso (alguns de nós certamente encaram a atividade educativa como ação direta). Mas muitos de nós fazem essa ação direta sem saber que estão fazendo, porque, não compreendendo, não estando antenados com esse conceito de ação direta, produzem um trabalho educativo sem esse propósito, sem essa inspiração da ação direta. Pensando no contexto anárquico, no contexto libertário anarquista, todo ato de educação é uma ação direta, pensando a ação direta como um esforço de transformação social. Educar é uma forma de investir na transformação da sociedade.

Voltando um pouquinho lá na construção das teorias revolucionárias do século XIX, para os anarquistas, a revolução social implica numa destruição do Estado, em romper com essa estrutura organizacional que a sociedade tem. Para

os anarquistas, não há revolução que não seja a destruição do Estado. Ora, se a gente vai fazer uma revolução e destruir o Estado, a gente tem que ser capaz de manter a sociedade em pé. Então, para os anarquistas, a produção da revolução não é apenas o ato revolucionário de tomar o poder do Estado. Para os anarquistas, tomar o poder do Estado não é transferir o poder de um grupo para outro grupo e manter o Estado. É destruir essa máquina e dissolver o poder pela sociedade. Mas tem que manter as coisas funcionando, manter as fábricas funcionando, manter a lavoura produzindo, manter o sistema de transporte funcionando, tudo isso que garante a nossa sobrevivência. Para os anarquistas, a revolução é também a preparação desse momento revolucionário. Fazer a revolução significa aprender a tocar o trabalho social. Por isso a educação é fundamental. Vamos juntar os trabalhadores, vamos unir os trabalhadores, armar os trabalhadores, fazer um ato militar (aqui no sentido militar mesmo) contra o Estado. Vamos tomar o poder, vamos matar quem se opõem etc, vamos fazer uma guerra e conquistar esse poder do Estado, mas não pode ser só isso. Se a gente fizer só isso, acaba com o Estado e acaba com a gente mesmo, porque, no dia seguinte à queda do Estado, nós estamos todos esfacelados. Por exemplo, se a gente olha para o que foi a ação dos anarquistas durante a guerra civil espanhola na região de Barcelona, na Catalunha, nos anos 1930, tomaram conta de toda a estrutura social mantendo o funcionamento das fábricas, mantendo o sistema de transporte, de forma autogerida, tudo trabalhado de forma libertária, de forma anarquista. E dizendo o seguinte: nós não precisamos do Estado para que a sociedade permaneça, para que a sociedade se transforme e para que seja uma sociedade justa, igualitária, fraterna, solidária. A gente é capaz de fazer isso. Esse próprio ato também é um ato de ação direta, e todos esses atos de ação direta, para os anarquistas, implicam necessariamente nesse processo de educação em que as pessoas aprendam a se formar, a se constituir, a produzir as suas próprias vidas.

**PERGUNTA:**

**Com relação ao cuidado de si que implica também no cuidado do outro, no cuidado dos outros, o professor tem um papel específico nessa relação. Pensando nessa estética, nessa ética da vida, da existência...**

## SILVIO GALLO

Cuidado de si<sup>10</sup> é um conceito recuperado pelo filósofo francês Michel Foucault da cultura grega antiga, quando ele diz que os gregos na Antiguidade – e os romanos depois – tinham essa prática de voltar-se para si mesmo para se constituir enquanto sujeito. Cuidar de si é uma forma de conhecer a si mesmo, de se constituir como sujeito para se colocar no mundo e se relacionar com os outros. É um conceito super instigante, mas também super complexo que o Foucault vai trazer. Penso que essa questão toda está ligada com essa dimensão da militância do professor. O professor militante necessariamente é alguém que cuida de si, ele precisa cuidar de si. A militância implica em ser capaz de cuidar de si mesmo. Por quê? Porque a militância nos expõe ao risco, a militância nos expõe ao perigo. Militar não é algo simples. Quando a gente milita num determinado campo, seja ele qual for, a gente está se expondo. E ao se expor é preciso cuidado. Essa dimensão do cuidado de si é uma dimensão ética fundamental do professor militante. Mas esse professor militante cuida de si inclusive porque ele precisa cuidar do outro. O ato de uma educação militante é um ato de um cuidado para com o outro, é um ato de cuidado do outro. Se eu estou defendendo

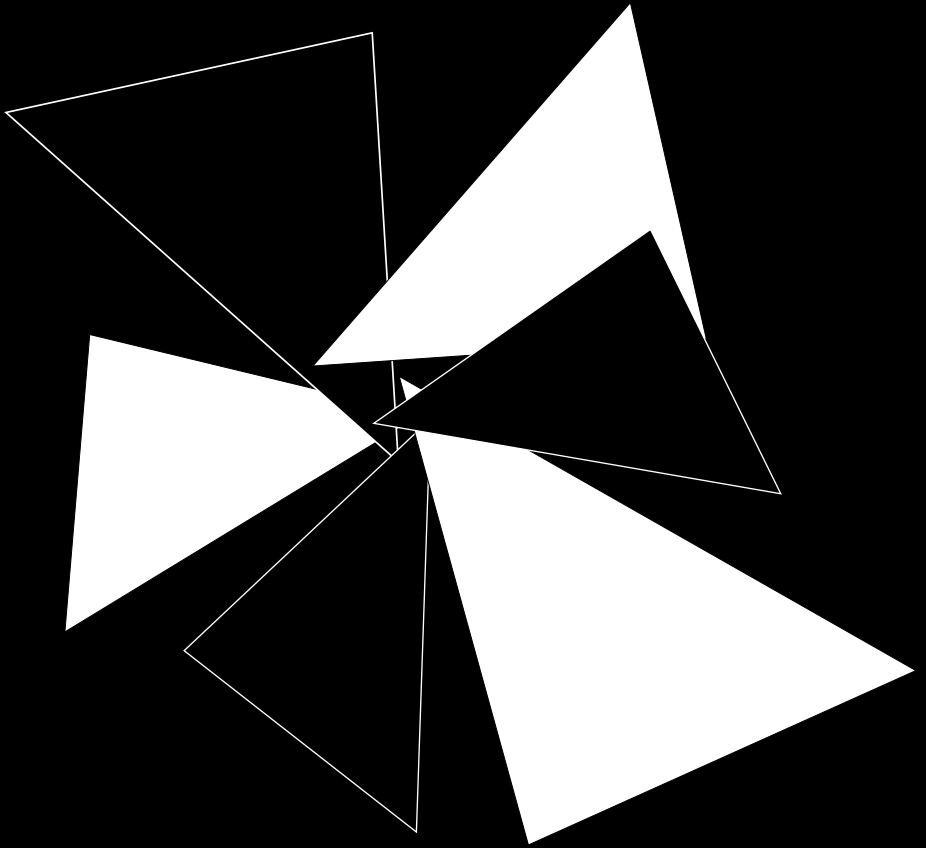
10 O tema do cuidado de si foi tratado por Foucault no terceiro volume de sua História da Sexualidade, na qual aparece como subtítulo (FOUCAULT, Michel. História da sexualidade – vol. 3: o cuidado de si. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021). Seu estudo mais extenso a respeito do conceito aparece no curso dado no Collège de France em 1982, depois publicado em livro (FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2004).

uma vida melhor, um mundo melhor para mim, eu estou também defendendo uma vida melhor e um mundo melhor para os outros. E aí eu educo, eu trabalho no campo de educação justamente porque me parece que esse campo da educação é um campo que torna possível essa atividade de melhorar a vida de cada um e, portanto, melhorar o mundo para todos. Do meu ponto de vista, esse ato de cuidar de si precisa ser intrínseco a essa ação do professor militante e, ao ser intrínseco da ação do professor militante ele é também um ato de cuidado com o outro e de cuidado do outro. São duas coisas que a gente não tem como separar.

Eu imagino que, consciente ou inconscientemente, isso faz parte do projeto de vocês com a Escola de Ativismo, que é um projeto de formação, de formação de cada um de vocês envolvido com ela e, portanto, um cuidado de si porque é uma formação de si mesmo, mas é uma formação de si mesmo que implica nessa ação sobre os outros e com os outros e, portanto, uma ação de cuidado dos outros, de cuidado com os outros.

Intuo que para vocês isso é conscientemente assumido, e diria que para os professores e educadores de forma geral, para alguns isso é conscientemente assumido e para outros não é conscientemente assumido. O professor pode não ter consciência de que age dessa maneira, mas eu acho que quando ele se interroga sobre si mesmo, quando ele se interroga sobre sua prática, quando ele olha para aquilo que ele faz no dia a dia,

ele acaba percebendo esse cuidado para com o outro. Uma das coisas centrais na ação dele como educador é essa preocupação com o outro, esse cuidado com o outro, essa tentativa de levar para o outro elementos que possibilitem que o outro atue sobre si mesmo e transforme sua vida, e modifique sua vida para uma condição de mais vida. Então, essa dimensão é o que Michel Foucault vai chamar de uma dimensão profundamente ética, estritamente ética, relacionada com a transformação da vida de cada um. No nosso caso como educadores, essa transformação de nós mesmos está muito correlacionada com a transformação das vidas dos outros com os quais nós nos relacionamos.





# ESC OLA DE A TIVI SMO

.org.br

